

FERNANDO AZEVEDO: TRAJETÓRIA PÚBLICA E INTELECTUAL DE UM PENSADOR EMINENTEMENTE BRASILEIRO

João Paulo Rodrigues Pereira
Faculdade Dom Luciano Mendes e UFOP
E-mail: joaopaulo31prp@gmail.com

Resumo: O artigo situa Fernando de Azevedo na perspectiva dos intelectuais brasileiros que se propõe a pensar a realidade cultural do Brasil. Parte-se da noção de trajetória como elemento capaz de mostrar, ao apresentar a síntese do percurso acadêmico e da obra intelectual e pública do autor, as nuances de um pensador eminentemente brasileiro. Como resultado, destaca a sua formação e o caráter humanístico de sua obra; algumas influências sociológicas e filosóficas, sobretudo, aquelas relacionadas às tendências mundiais; sua atuação pública na ambiência política e nos debates educacionais; e sua obra *A Cultura Brasileira* como análise específica do autor frente a cultura e a história do Brasil.

Palavras-chave: Trajetória; Cultura; Educação.

Abstract: The article situates Fernando de Azevedo within the perspective of Brazilian intellectuals who sought to think about Brazil's cultural reality. Starting from the notion of trajectory as an element that showcases the features of the life path of an eminently Brazilian intellectual, this piece presents a synthesis of the author's academic career and their intellectual and public work. As a result, it highlights (1) Fernando de Azevedo's contribution to education and the humanistic nature of his work; (2) some of the influences of sociological and philosophical ideas (particularly related to global trends) on his work; (3) his public participation in both political and educational debates; and (4) his work *Brazilian Culture*, which contains a specific analysis of Brazilian culture and history.

Keywords: Trajectory; Culture; Education.

1 Introdução

A história do Brasil, após a colonização, tem, sobretudo, na primeira metade do século XX, uma efervescência na procura por identificar a cultura brasileira e definir a identidade do povo.¹ Nesse período, diversos pensadores e publicações debatem essa questão. É o caso, por exemplo, de Gilberto Freyre (1900–1987), com a obra *Casa Grande e Senzala* (1933), que discute a formação mestiça da sociedade a partir da junção das três raças: portuguesa, indígena e africana; Sérgio Buarque de Holanda (1902–1982), com *Raízes do Brasil* (1936), em que apresenta a noção de homem cordial, como traço da cultura nacional e como elemento fundamental para entender a relação entre público e privado na constituição do Estado Republicano; e Caio Prado Júnior (1907–1990), com *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942),

¹ Este artigo foi originalmente publicado com o título “Fernando de Azevedo: public and intellectual trajectory of an eminently Brazilian scholar” na revista *Sententiae* 44:3 (2025), p. 41-52. Agradecemos à revista e ao editor Oleg Khoma a autorização da publicação do texto em português.

que, em uma perspectiva marxista, interpreta o desenvolvimento histórico-social do país sob o prisma das relações econômicas e das estruturas de produção.

A consolidação da República gera, na tentativa do país se firmar institucionalmente, uma série de transformações nos campos político, artístico, educacional e cultural. É neste cenário que Fernando de Azevedo reflete sobre a formação cultural do Brasil, a partir de uma análise histórico-social, compreendendo a cultura brasileira como resultado da interação entre raças, classes e instituições. Assim, propõe-se, em seguida, apresentar sua trajetória como instrumento capaz de evidenciar — ao sintetizar seu percurso intelectual e público — as nuances de um pensador eminentemente brasileiro. Essa trajetória intelectual permite indicar as fontes filosóficas das ideias de Fernando de Azevedo, em particular à sua recepção das tendências filosóficas mundiais.

2 A formação clássica e humanista

Fernando de Azevedo nasceu em 2 de abril de 1884, em São Gonçalo de Sapucaí, no Estado de Minas Gerais, onde iniciou seus estudos no Colégio Francisco Lentz, destacando-se como aluno aplicado. Entre 1903 e 1909, frequentou o Colégio Jesuíta Anchieta, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, concluindo o ensino secundário, mantendo o bom desempenho acadêmico e sobressaindo também nas atividades esportivas, sendo premiado em algumas delas. Em 1909, ingressou na Companhia de Jesus, realizando o noviciado em Campanha, Minas Gerais, chegando a fazer votos. No entanto, abandonou a vida religiosa após um ano de recolhimento no Colégio São Luiz, em Itu, São Paulo, local em que iniciou sua atuação docente, e transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde começou o curso de Direito, que concluiria na Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo, em 1918 (Pillet, 1994, p. 82).

O período de formação com os Jesuítas foi determinante para sua trajetória intelectual, pois, nesses anos, “aprendeu latim no colégio [...]. Prosseguiu os estudos avançados, ainda entre os jesuítas, com cursos de filosofia, letras clássicas, língua e literatura grega e latina, de poética e retórica, no Noviciado de Campanha-MG” (Duarte, 2021, p. 40). Esses estudos possibilitaram a Fernando de Azevedo, como se verá a seguir, produzir obras sobre a cultura clássica latina.

Com intensa participação na vida pública e social do país, sobretudo no campo educacional, em 1914 passou a lecionar no Ginásio do Estado de Minas Gerais como docente substituto de Latim e Psicologia, permanecendo na função até 1917 (Camargo, 2006, p. 15). Nessa mesma instituição, aos 20 anos, candidatou-se à cátedra de Educação Física com a tese intitulada *A poesia do corpo*. Embora aprovado em primeiro lugar, questões políticas impediram sua nomeação (Castro, 1994, p. 217).

Para Pillet (1994, p. 84), o interesse de Fernando de Azevedo pela educação física se manifestou tanto nos estudos teóricos, ao longo de 15 anos (1915 a 1930), quanto nas iniciativas administrativas, como a inclusão dessa disciplina em suas propostas de reforma educacional. Com 316 páginas e 87 referências, a tese *A poesia do corpo* foi publicada, em 1920, com o título *Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*. Camargo (2006, p. 14-15) nos informa que este trabalho constitui-se em três partes: “a primeira vem a ser um estudo da questão da educação física, a segunda apresenta as escolas e os métodos mais significativos de educação física e a terceira é um estudo sobre a importância do problema da educação física no Brasil, com o levantamento de propostas”.

Em 1917, por um curto período, retornou ao Rio de Janeiro, local em que teve contato com as obras de Émile Durkheim, que o desperta para os estudos da Sociologia (Castro, 1994, p. 216). Neste mesmo ano, transfere-se para São Paulo, e,

paralelamente às atividades do magistério exercido na Escola Normal da Capital, em que lecionava Latim e Psicologia, passou a desempenhar a função de jornalista, dedicando-se à crítica literária, primeiro no *Correio Paulistano*, e depois em *O Estado de São Paulo*, veículo no qual analisou, em 1926, a condição da educação paulista, marcando assim sua entrada no grupo dos Profissionais da Educação.

No início de 1919, assume o cargo de primeiro secretário da recém-fundada Sociedade Eugênica de São Paulo², ocasião em que profere a conferência *O segredo da Maratona*, posteriormente publicada em 1920 no livro *Antinous: estudo de cultura atlética* (Castro, 1994, p. 217). Apresentado ao Secretário do Interior do Estado de São Paulo, em setembro de 1921, ainda como docente de Latim, preparou o documento *Bases para a Renovação do Ensino de Latim* (Cardoso; Brito, 2013, p. 426). Nesse texto, Fernando de Azevedo defende o uso do método intuitivo e critica a falta de livros didáticos adequados no ensino da disciplina: “Ponha-se nas mãos de professores, [...], livro apropriado, a eles, por si mesmos, serão os primeiros a substituir por este método vivo, atraente e rápido, o processo de má morte, inosso e tardigrado, descoroçoante pela sua insipidez e desesperador pela sua esterilidade [...]” (Azevedo, 1921).

No contexto dos estudos sobre educação física, em 1923, durante a inauguração das competições atléticas promovidas pela Escola de Cultura Física de Ribeirão Preto, Fernando de Azevedo profere a conferência *A lição da Grécia*. Nesse mesmo ano, lança, com nove capítulos, a obra *No Tempo de Petrônio. Ensaio sobre a Antiguidade Latina*. Além do capítulo que dá nome ao livro, “tem-se *A ironia na eloquência latina, Os quatro grandes pensadores latinos* (Lucrécio, Sêneca, Tácito, Marco Aurélio), *As mulheres de Virgílio, A educação entre os romanos, Uma lição de psicologia pela semântica latina, A concepção romana da beleza, O desterro de Ovídio e, por fim, Os elegantes no tempo de Augusto*” (Duarte, 2021, p. 44, adaptado). Em 1924, lança *Jardins de Salústio: à margem da vida e dos livros*, consolidando sua posição entre os classicistas latinos (Castro, 1994, p. 217).

3 De crítico literário a reformador educacional: décadas de 1920 e 1930

O ano de 1924 marca o início de uma nova fase no desenvolvimento das habilidades intelectuais de Fernando de Azevedo. Passou a atuar na capital paulista como jornalista. “Dedicou-se à crítica literária, inicialmente no *Correio Paulistano* e, em seguida, no jornal *O Estado de S. Paulo*. Neste último, em 1926, a pedido de Júlio Mesquita Filho, desenvolveu dois inquéritos: um sobre a Arquitetura Colonial Brasileira e outro sobre a Educação Pública em São Paulo. Esse segundo trabalho resultou na publicação, em 1937, de uma obra intitulada *A Educação Pública em São Paulo*, que viria a ser, na segunda edição, renomeada como *A Educação na Encruzilhada*. O próprio autor, ao descrever o inquérito, afirma que:

Orientou os debates por meio de artigos introdutórios e questionários, comentou os depoimentos em artigos finais, levantou as questões educacionais de maior interesse e as abordou, como também fizeram

² Segundo Kobayashi, Faria e Da Costa (2009, p. 319) “A criação da Sociedade Eugênica de São Paulo em 1918 representou o marco na institucionalização da eugenia no Brasil. [...] Seus interesses concentravam-se em questões relacionadas à legalização de exames pré-nupciais para prevenção e controle de doenças venéreas e campanha anti-alcoólicas. [...] A Sociedade Eugênica de São Paulo se propunha a estudar as leis da hereditariedade, concentrando-se em questões da evolução e descendência, ‘tirando desses conhecimentos as bases aplicáveis à conservação e melhoria da espécie humana’. [...] Apesar do entusiasmo [...], a Sociedade Eugênica de São Paulo sobreviveu apenas por um ano”.

Fernando de Azevedo: trajetória pública e intelectual de um pensador eminentemente brasileiro

alguns dos docentes consultados, não somente sob o ponto de vista pedagógico, mas também filosófico e social. (Azevedo, 1944, p. 384).

Ainda em 1924, Fernando de Azevedo foi convidado pela Prefeitura de São Paulo para elaborar uma praça de jogos infantis, projeto que, anos mais tarde, foi incorporado como apêndice à terceira edição da obra *Da Educação Física*, publicada em 1960. No mesmo ano, lançou *Jardins de Salústio*. Em 1925, publicou *O Segredo da Renascença e Outras Conferências*. No ano seguinte, iniciou a campanha pela fundação da Universidade de São Paulo. Em 1927, publicou *Instrução Pública no Distrito Federal e Páginas Latinas*, esta em coautoria com Francisco Azzi. Já em 1928, introduziu a disciplina de Sociologia na Escola Normal do Distrito Federal (Castro, 1994, p. 218–219).

Integrado ao movimento dos reformadores da educação, tornou-se, a convite do prefeito, diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal, capital da República. Nesta função, entre 1927 e 1930, promoveu uma reforma radical na educação, que lhe conferiu destaque no cenário das reformas educacionais. “Esta reforma visava a descentralização dos serviços, a implantação de regime de concurso para todos os cargos, a construção de escolas primárias e profissionais e a reorganização da Escola Normal, que deveria apresentar [...]” (Castro, 1994, p. 219).

Em junho de 1929 conheceu Anísio Teixeira. Nesse mesmo ano publicou *Ensaio: Crítica Literária para o Estado de S. Paulo: 1924–1925* – que em 1962 recebeu o título *Máscaras e Retratos* –, além de *A Reforma do Ensino no Distrito Federal: Discurso e Entrevistas*. Intensificando sua participação no movimento de renovação educacional, voltou a São Paulo. Em 1930 lançou *A Evolução do Esporte no Brasil: Praças de Jogos para Crianças* e recebeu convite de Lourenço Filho para ser professor de Sociologia no Curso de Aperfeiçoamento da Escola Normal de São Paulo. No ano seguinte, foi nomeado professor catedrático de Sociologia no Curso de Aperfeiçoamento do Instituto Pedagógico de São Paulo. Ainda em 1931, publicou *Novos Caminhos e Novos Fins* e fundou, na Companhia Editora Nacional, a Biblioteca Pedagógica Brasileira e a Coleção Brasileira, que até 1946 publicou 286 obras de autores nacionais e estrangeiros (Castro, 1994, p. 220). Sobre essa coleção, o próprio autor ressalta sua importância: “Com essa enciclopédia, [...] inaugura-se uma série de iniciativas, públicas e privadas, todas voltadas à exploração e ao desenvolvimento [...] dos estudos nacionais, para que o Brasil pudesse adquirir uma consciência cada vez mais viva de si mesmo” (1944, p. 235).

Em 1932, junto a outros intelectuais, participou como redator do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, que estabeleceu as bases para uma nova política educacional. Segundo Azevedo, o manifesto defendia “o princípio de laicidade, a nacionalização do ensino, a organização da educação popular, urbana e rural, a reorganização da estrutura do ensino secundário e do ensino técnico e profissional, a criação de universidades e de institutos de alta cultura” (1944, p. 397).

Apesar de esse manifesto não citar diretamente John Dewey, é possível identificar, segundo Cunha (2017), a presença desse filósofo na concepção educacional defendida. Em contraponto à escola tradicional, o manifesto destaca a centralidade da criança, em que os alunos pudessem ter contato direto com o ambiente, desenvolvendo atividades manuais, motoras e construtoras; que a escola funcionasse como comunidade em miniatura, preparando o aluno para a vida social; além disso, o currículo também deveria ser pensado a partir do próprio desenvolvimento do aluno.

Outro aspecto defendido também pelos pioneiros da educação nova era dar à educação um caráter mais científico e menos literário e verbalista, como era a educação tradicionalista — algo defendido também por John Dewey (Carvalho, 2011, p. 69). Segundo o próprio manifesto:

A partir da escola infantil (4 a 6 anos) à Universidade, com escala pela educação primária (7 a 12) e pela secundária (12 a 18 anos), a "continuação ininterrupta de esforços criadores" deve levar à formação da personalidade integral do aluno e ao desenvolvimento de sua faculdade produtora e de seu poder criador, pela aplicação, na escola, para a aquisição ativa de conhecimentos, dos mesmos métodos (observação, pesquisa, e experiência), que segue o espírito maduro, nas investigações científicas.

Por sua defesa da educação pública, foi rotulado como comunista por educadores católicos³. No exercício do cargo de Diretor Geral da Instrução Pública em São Paulo, implantou, em 1933, o Código de Educação, que virou um decreto-lei. Esse implicou a reestruturação do Curso Normal, a obrigatoriedade da Educação Física nas escolas públicas e privadas, a reorganização das funções dos inspetores escolares e a revisão dos processos de seleção e transferência de docentes. Ainda em 1933, foi nomeado chefe da Seção de Sociologia Educacional da Escola de Professores do Instituto de Educação e implantou o ensino de Sociologia em todas as Escolas Normais do Estado de São Paulo (Castro, 1994, p. 221-222).

Para Candido (2006), a década de 1930 foi fundamental para a consolidação da sociologia no Brasil, sobretudo devido às discussões sobre o ensino. Para isso, foi essencial a atuação dos educadores que reconheciam a necessidade dessa disciplina para a formação dos professores e para a elaboração de uma teoria educacional adequada. Segundo Candido, contribuíram para isso “as reformas de Fernando de Azevedo no então Distrito Federal e em São Paulo (1927; 1933)” (2006, p. 284).

Em 1934, redigiu o Decreto-Lei que criou o Departamento de Cultura de São Paulo e participou da fundação da Universidade de São Paulo, onde foi catedrático de Sociologia e diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Tornou-se, em 1935, presidente da recém-fundada Sociedade Brasileira de Sociologia e publicou *Princípios de Sociologia: Pequena Introdução ao Estudo de Sociologia Geral*. Em 1937, lançou *A Educação e seus Problemas* e *A Educação Pública em São Paulo: Problemas e Discussões — Inquérito para O Estado de S. Paulo em 1926*. Em 1938, assumiu a presidência da Associação Brasileira de Educação, iniciou a redação de *A Cultura Brasileira* e foi nomeado, pelo presidente Getúlio Vargas, para presidir a Comissão Censitária Nacional — cargo ao qual recusou alegando motivos de saúde e familiares (Castro, 1994, p. 223).

4 A Cultura Brasileira e a vida intelectual e pública a partir de 1940

As décadas de 1940 e 1950 foram intensas em cargos e funções assumidas, bem como em sua produção acadêmica, com publicações quase anuais. Em 1940 lançou *Sociologia Educacional: Introdução ao Estudo dos Fenômenos Educacionais e de suas Relações com Outros Fenômenos Sociais*. Segundo Antônio Cândido, a principal contribuição teórica de Fernando de Azevedo para a sociologia está nesta obra:

considerando a educação como um dos campos de investigação sociológica, armada de um sistema de conceitos, procurando definir o processo educacional no que tem de socialização, para, em seguida, estudá-

³ Neste contexto havia embates entre intelectuais católicos e liberais. “Para os católicos, o objetivo era recristianizar a sociedade por meio da educação, e assim, evitar os males da civilização moderna; para os renovadores, o objetivo era promover os novos ideais pedagógicos para uma civilização urbana e industrial” (Oliveira, 2016, p. 113).

Fernando de Azevedo: trajetória pública e intelectual de um pensador eminentemente brasileiro

lo em conexão com as instituições sociais, tanto as genéricas, como a família e o Estado, quanto as específicas, como a escola (2006, p. 285).

No ano seguinte, assume o cargo de Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Em 1943, publica duas novas obras: *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil* e *Velha e nova política: aspectos e figuras da educação nacional*. A primeira, segundo Antonio Candido, “constitui um levantamento exaustivo da nossa vida intelectual e artística, que analisa num enquadramento fecundo, referindo-a primeiro às condições de formação histórico-social, para completá-la em seguida pelo estudo dos mecanismos de transmissão” (2006, p. 286).

Após uma introdução em que o autor discute os diversos sentidos do termo “cultura”, expõe seu entendimento e os caminhos seguidos na análise da cultura brasileira. A obra organiza-se em três partes: *Os Fatores da Cultura*; *A Cultura*; e *A Transmissão da Cultura*, conferindo ao texto um caráter orgânico e sistemático.

A primeira parte delinea, inicialmente, em *O País e a Raça*, um panorama histórico, geográfico, cultural e antropológico do Brasil, destacando, entre outros aspectos, a extensão territorial, bacias hidrográficas, ambiente geomórfico e climático, fauna, flora, recursos minerais, formação racial, movimentos migratórios, processos de miscigenação e dados estatísticos. Em seguida, no capítulo *O Trabalho Humano*, desenvolve uma análise histórica do labor no país, desde o ciclo do pau-brasil até a industrialização, tratando de temas como agricultura, vida rural, engenhos de açúcar, escravidão, descoberta do ouro, fazendas de café, economia, estrutura social, portos, transporte, comércio, indústria extrativista e exploração mineral. O terceiro capítulo, *As Formações Urbanas*, traça o surgimento dos núcleos populacionais, a orientação atlântica da civilização urbana, as invasões estrangeiras, o contraste entre esplendor rural e miséria urbana, a atuação da burguesia, vida citadina, expansão industrial e consolidação dos centros urbanos enquanto capitais políticas. Em *A Evolução Social e Política*, o autor examina a colonização, suas modalidades e direções, a sociedade colonial, burguesias urbanas, a formação do Império, a unificação política, a abolição da escravatura, o advento da República, a organização federativa e os partidos, culminando na análise da sociedade contemporânea. A primeira seção conclui-se com o capítulo *A Psicologia do Povo Brasileiro*, em que investiga o caráter coletivo, transformações de mentalidade e suas causas, ressaltando a confluência das três culturas originárias. Sobre a psicologia do povo brasileiro, Azevedo afirma que, entre “os traços dominantes, um dos mais fortes [...] é o predomínio, na sua estrutura, do afetivo, do irracional e do místico que se infiltra por todo ser espiritual, [...] e dando-lhe à inteligência um aspecto essencialmente emocional e carregado de imaginação” (Azevedo, 1944, p. 107).

A segunda parte, intitulada *A Cultura*, inicia com *Instituições e Crenças Religiosas*, destacando a atuação missionária dos jesuítas, a educação dos indígenas, a resistência aos abusos da conquista, a formação do clero no período colonial, a relação entre Estado e igreja e o surgimento de outras expressões religiosas, como a maçonaria, o protestantismo, o espiritismo, o positivismo e a persistente hegemonia do catolicismo. Em *A Vida Intelectual – As Profissões Liberais*, ressalta a formação literária, a influência escolástica e clássica, o predomínio das carreiras burocráticas, a cultura jurídica e o prestígio das faculdades de Direito, Medicina e Engenharia. O capítulo *A Vida Literária* aborda a diversidade das expressões literárias, com ênfase nas primeiras manifestações originais, o teatro de Antônio José da Silva, os poetas da Inconfidência, o romantismo, a evolução teatral e o pensamento nacional representado por autores como Tavares Bastos, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Tobias Barreto e Sílvio Romero, além do papel do jornalismo,

da crítica e da historiografia. Em *A Cultura Científica*, analisa a trajetória das ciências no Brasil, desde a estagnação imposta pela metrópole até a criação das primeiras instituições científicas no século XIX, enfatizando áreas como botânica, zoologia, geologia, paleontologia, física, matemática, geografia, história e ciências sociais.

Para Azevedo, a filosofia na história do Brasil, sobretudo até o século XIX, está ligada “ao clima ideológico peninsular” que marcou a colonização do país, a ponto de não termos desenvolvido um pensamento autônomo, desvinculado da filosofia europeia. Segundo o autor: “Refletimos, mais ou menos passivamente, ideias alheias; navegamos lentamente e a reboque nas grandes esteiras abertas por outros navegantes; reproduzimos, na arena filosófica, lutas estranhas, e nelas combatemos com armas emprestadas” (Azevedo, 1944, p. 239). Azevedo, contudo, reconhece o brilhantismo de certos pensadores que, de um modo ou de outro, contribuíram para a divulgação do pensamento filosófico de caráter moderno em solo nacional. Nessa perspectiva, o autor destaca a figura como Tobias Barreto como aquele que, “mais do que ninguém, concorreu, com suas obras e polêmicas, para a divulgação de sistemas e correntes filosóficas” (Azevedo, 1944, p. 239).

Nosso autor também salienta como uma das causas da falta do desenvolvimento de uma filosofia nacional a falta de cursos superiores avançados, sob a direção de grandes mestres, uma vez que as primeiras faculdades de filosofia só foram instaladas no país a partir de 1934, com a fundação da Universidade de São Paulo (USP). Além disso, destaca, como causa do atraso no domínio da filosofia, todo o sistema de ensino e de cultura montado desde o regime colonial, que visava desenvolver “exclusivamente o espírito literário e dialético, e o gosto pela retórica e pela erudição” (Azevedo, 1944, p. 241).

Por fim, em *A Cultura Artística*, último capítulo da segunda parte, destaca-se a arte colonial, o barroco, a música sacra e popular, as artes plásticas e o movimento modernista.

A terceira parte, *A Transmissão da Cultura*, segundo Xavier (1998), seria o núcleo da proposta educacional do autor. O primeiro, *O Sentido da Educação Colonial*, trata das origens religiosas da educação, do ensino popular de cunho religioso, da educação dos indígenas, do papel da família patriarcal, da formação das elites em Coimbra e da decadência do sistema após a expulsão dos jesuítas. Em *As Origens das Instituições Escolares*, com foco no século XIX, são abordadas as influências iluministas, a ação reformadora de D. João VI, os cursos jurídicos, a ausência de ensino básico sistemático, a contribuição das ordens religiosas e as reformas educacionais. O capítulo *A Descentralização e a Dualidade do Sistema* analisa, no século XX, o impacto do federalismo, a laicização do ensino, a influência pedagógica norte-americana e a expansão do ensino primário. Já em *A Renovação e Unificação do Sistema Educativo*, discorre-se sobre a reforma de 1930, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, a fundação das universidades de São Paulo e do Distrito Federal, e o papel do nacionalismo educativo. No último capítulo, *O Ensino Geral e os Ensinos Especiais*, analisa-se a diversificação dos níveis de ensino, a formação de elites técnicas e intelectuais, a preparação docente e a formulação de uma política nacional de educação e cultura.

Trata-se, portanto, de uma produção monumental, que analisa a cultura do país sob múltiplos aspectos: históricos, científicos, filosóficos, artísticos, religiosos, políticos, educacionais, étnicos e geográficos, revelando a amplitude e a complexidade com que o autor concebe a realidade cultural brasileira. Assim,

nessa cultura, que, embora se tenha desenvolvido sobre uma base comum e sob os mesmos impulsos iniciais, se desdobra numa série de paisagens humanas e sociais, tão diferenciadas, como as geográficas, pelas diversidades regionais decorrentes do meio físico e das influências, em

graus variáveis, dos contatos de raças e culturas. O que é verdadeiro em relação a umas, pode não sê-lo e não é, de fato, para outras (Azevedo, 1964).

Em reconhecimento à relevância de sua contribuição, Azevedo recebeu, em 1945, o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras. Nesse mesmo ano, publica ainda *As técnicas de produção do livro* e *As relações entre mestres e discípulos*. Já em 1944, lançara *Universidades no mundo do futuro*; e, em 1946, organiza *segundo meu caminho: conferências sobre Educação e Cultura*.

O ano de 1947 foi particularmente intenso: Azevedo assume o cargo de Professor-Chefe do Departamento de Sociologia da USP, é nomeado Secretário de Educação e Saúde do Estado de São Paulo — do qual logo se desliga —, profere conferências em Belo Horizonte a convite do governo local e publica *As universidades no mundo de amanhã: seu sentido, sua missão e suas perspectivas atuais*. Em 1948, retorna à capital mineira para mais conferências e publica *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil. Ensaio sociológico sobre o elemento político na civilização do açúcar*. Sobre esta obra, Antônio Candido observa que ela: “encara a relação dos fatos políticos com os demais aspectos da vida social, como de interconexão, isto é, como aquele sistema de normas que estabelece as condições de funcionamento das outras normas sociais, vinculando uns aos outros os diferentes elementos da organização” (2006, p. 285).

Na década de 1950, Fernando de Azevedo lança cinco obras: *Um trem corre para o oeste: estudo sobre a Noroeste e seu papel no Sistema da Viação Nacional* (1950); *Na batalha do humanismo e outras conferências* (1952); *Em memória do comandante Murilo Marx* (1953); *Discurso sobre Israel* (1956); e *A educação entre dois mundos: problemas, perspectivas e orientações* (1958).

Dessas obras, destaca-se *Na batalha do Humanismo*, “que compreende conferências pronunciadas entre 1944 e 1955” (Alves, 2010, p. 43), em que aparecem claramente influências de sua concepção de educação. Reconhecendo as divergências entre Dewey e Durkheim, Azevedo pensa que “o fenômeno da educação [...] pode ser compreendido como um processo de transmissão da cultura, segundo Durkheim, ou como a reconstrução dessa mesma cultura, nos termos expressos por Dewey” (Alves, 2010, p. 43). Azevedo reconhece, com Durkheim, que a educação, ao transmitir valores, hábitos e costumes, tem uma função social na continuidade cultural; contudo, ao absorver de Dewey a noção de que a educação deve ser dinâmica e crítica, e que a criança participa ativamente do processo educacional, reconhece que a educação deve reconstruir continuamente a cultura, adaptando-a às novas circunstâncias sociais (Alves, 2010).

Destaca-se, ainda, que, além de Durkheim, que traz a ideia da base científica para pensar a educação como fenômeno social, e Dewey, como uma filosofia progressista colocando a experiência como eixo do processo educacional, outros filósofos e pensadores influenciaram nosso autor, como: Georg Kerschensteiner, que o impacta com a ideia de educação para o trabalho, isto é, a escola que forma para a vida profissional; Anatoly Lunacharsky, com a ideia de escola como meio de emancipação social; e o próprio Karl Marx, com a ideia do trabalho como base da sociedade (Cecco; Bernardi; Costa, 2017, p. 97-105).

Ainda na década de 1950, em colaboração com treze cientistas, organiza o livro *As ciências no Brasil* (1955); publica, com outros autores, o *Pequeno dicionário latino-português* (1957); e redige, em 1959, o *Manifesto ao povo e ao governo: mais uma vez convocados*, no qual se posiciona contra a modificação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Esse documento foi assinado por 180 educadores, revelando a amplitude do engajamento de Azevedo na defesa da educação pública.

Em 1955, inaugura e assume a presidência do Centro Cultural Brasil-Israel de São Paulo. No ano seguinte, participa da inauguração do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, consolidando seu papel no fortalecimento das instituições educacionais e culturais do país.

Na esteira de seu prestígio internacional, assume, em 1950, o cargo de vice-diretor da *International Sociological Association* (Pillet, 1994, p. 83); em 1951, recebe o título de Sócio-Honorário do Centro Cultural Boliviano-Brasileiro; e, em 1954, é condecorado com a Cruz de Oficial da Legião de Honra da França, honraria outorgada pelo governo francês.

Fernando de Azevedo falece em 1974, aos 80 anos, na cidade de São Paulo. No entanto, os anos que compreendem as décadas de 1960 e 1970 permanecem marcados por intensa produção intelectual e engajamento público. Em 1960, publica *Figuras de meu convívio* e *A educação na encruzilhada: problemas e discussões*, segunda edição da obra *A educação pública em São Paulo: problemas e discussões – inquérito para O Estado de S. Paulo*, originalmente lançada em 1937.

Em 1962, publica *A cidade e o campo na civilização industrial e outros estudos e Máscaras e retratos: estudos literários sobre escritores e poetas do Brasil*, cuja primeira edição fora intitulada *Ensaio: crítica literária para O Estado de S. Paulo*. Em 1968, lança *Discursos dos acadêmicos Fernando de Azevedo e Cassiano Ricardo*; em 1970, participa, como coautor, da publicação do *Dicionário de Sociologia*; e, em 1971, lança sua obra autobiográfica *História de minha vida*.

Paralelamente às atividades editoriais, exerce importantes funções públicas e recebe diversos reconhecimentos. Em 1961, ocupa o cargo de Secretário Municipal da Educação e Cultura da cidade de São Paulo e é eleito membro da Academia Paulista de Letras. Em 1964, recebe o Prêmio Jabuti, na categoria “Personalidade Literária do Ano”; em 1967, é eleito para a cadeira 14 da Academia Brasileira de Letras; e, em 1971, recebe o Prêmio Moinho Santista, na área de Ciências Sociais.

5 Considerações finais

A obra de Fernando de Azevedo, que abrange diversas áreas do conhecimento, como o texto procurou mostrar, debate as questões nacionais, sobretudo no que diz respeito à educação e à produção do conhecimento científico, influenciados por pensadores como Dewey e Durkheim. Pensador da sociologia, crítico literário e profundo conhecedor da história do Brasil, como a síntese da obra *A cultura brasileira* nos revelou ao apresentar detalhadamente as nuances da história do país, Azevedo dedicou intensamente sua vida ao desenvolvimento cultural e estrutural do Brasil. Sua obra e memória passaram a fazer parte da cultura e da história brasileiras. Seu engajamento, como o texto demonstra, não se restringiu ao campo intelectual, mas se estendeu, sobretudo, ao debate público, buscando fortalecer os laços acadêmicos e científicos que possibilitariam o desenvolvimento científico e cultural do Brasil. Foi, portanto, um homem profundamente envolvido nas questões nacionais e imerso nas ciências, na educação e na política brasileiras.

Sua formação intelectual expressa uma síntese de influências filosóficas, sociológicas e das principais tendências mundiais que marcaram o início do século XX. De Émile Durkheim, incorporou a concepção da educação como fenômeno social e instrumento de socialização; de John Dewey, assimilou o caráter progressista da escola ativa, centrada na experiência e na reconstrução contínua da cultura. Inspirou-se ainda em pensadores de tendência marxista para compreender a educação como preparação para o trabalho e meio de emancipação social. Azevedo integrou-se, assim, ao movimento de valorização da educação e da cultura nacional.

Fernando de Azevedo: trajetória pública e intelectual
de um pensador eminentemente brasileiro

Referências

- ALVES, Catharina Edna Rodriguez. Fernando de Azevedo e o esboço de uma teoria pedagógica para as condições da educação brasileira. *Educação em Revista*, Marília, SP, v. 11, n. 1, p. 37–52, 2021. DOI: [10.36311/2236-5192.2010.v11n1.656](https://doi.org/10.36311/2236-5192.2010.v11n1.656). Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/656>. Acesso em: 13 set. 2025.
- AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1944.
- AZEVEDO, Fernando de. Da cultura brasileira: fundamentos, evolução, direções e perspectivas. *Revista de História*, São Paulo, v. 29, n. 60, p. 369–382, 1964. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123250>.
- AZEVEDO, Fernando de. Bases para a renovação do ensino de latim. *HISTEDBR Online*, Campinas, SP, v. 13, n. 53, p. 428–432, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640215>.
- BRUNA, Larissa Cecco; Bernardi, Luci Teresinha Marchiori Dos Santos; Silva Da Costa, Miguel Ângelo. As Influências sobre o Pensamento Educacional de Fernando de Azevedo. *Linguagens, Educação e Sociedade*, [S. l.], n. 34, p. 91–107, 2016. DOI: 10.26694/les.v1i2.6092. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1255>. Acesso em: 13 set. 2025.
- CAMARGO, E. de A. S. P. de. A poesia do corpo: a defesa de uma moral austera. *Educação & Sociedade*, v. 27, n. 94, p. 13–46, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302006000100002>.
- CARDOSO, M. A.; BRITO, S. H. A. de. Apresentação do documento “bases para a renovação do ensino de latim” – Fernando de Azevedo. *Revista HISTEDBR Online*, Campinas, SP, v. 13, n. 53, p. 426–427, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640214>.
- CANDIDO, Antônio. A sociologia no Brasil. *Tempo Social*, v. 18, n. 1, p. 271–301, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702006000100015&script=sci_arttext&tlng=p
- CASTRO, M. C. F. C. de. O arquivo Fernando de Azevedo: cronologia e bibliografia. *Rer. Inst. Est. Bras.*, São Paulo, v. 37, p. 213–245, 1994.
- CARVALHO, Viviane Batista. As Influências do Pensamento de John Dewey no Cenário Educacional Brasileiro, *Revista Redescrições – Revista on line do GT de Pragmatismo* Ano 3, Número 1, 2011(Nova Série).
- CUNHA, Marcus Vinicius da. John Dewey no manifesto dos pioneiros da educação nova. *Cadernos de História da Educação*, v. 16, n. 2, p. 474–486, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/che-v16n2-2017-9>. Acesso em: 13 set. 2025.
- DUARTE, A. da S.. Fernando de Azevedo classicista. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, maio-ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/emt/article/view/55648>.
- KOBAYASHI, E. M.; Faria, L.; Costa, M. C. da. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. *Sociologias*, v. 11, n. 22, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/9650>.
- OLIVEIRA, Marco Antônio. O manifesto dos pioneiros da educação nova e a defesa da ordem: o embate entre liberais e católicos no campo da educação. *HISTEDBR Online*, Campinas, SP, v. 16, n. 68, p. 109–124, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8643925>.

O MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA (1932). In: https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/manifesto_1932.pdf

PILETTI, Nelson. Fernando de Azevedo: da educação física às ciências sociais. *Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 37, p. 81–98, 1994.

XAVIER, L. N. Retrato de corpo inteiro do Brasil: a cultura brasileira por Fernando de Azevedo. *Revista da Faculdade de Educação*, v. 24, n. 1, p. 70–86, jan. 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rfe/a/jkF7T4J87j56cRNJwtttrdTq/?utm_source=chatgpt.com#top